



DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 02 | Nº. 3 | Ano 2021

Kátia Xavier Zeca

MULHER CRESPA EM MOÇAMBIQUE: CONSTRANGIMENTOS E ACEITAÇÃO DA CARAPINHA NO LOCAL DE TRABALHO

**CRESPA WOMAN IN MOZAMBIQUE: CONSTRAINTS AND
ACCEPTANCE IN THE WORKPLACE**

RESUMO: A aceitação do cabelo natural, é hoje uma realidade em Moçambique. Contudo, no decorrer do processo de transição capilar, muitos desafios têm sido encontrados pelas mulheres que passam pelo processo. Estes desafios e questionamentos surgem em diversos níveis: familiar, amigos ou mesmo no local de trabalho. O objetivo desta pesquisa é analisar as situações vivenciadas por mulheres negras moçambicanas que tenham assumido os cachos naturais, além de refletir sobre as implicações que essa aceitação causou no ambiente de trabalho. Para este artigo foram feitas análises documentais e revisão bibliográfica, a partir dos pressupostos teóricos de Bell Hooks e Kilomba. Em termos metodológicos os dados foram analisados recorrendo ao SPSS, em perspectiva descritiva, e a revisão de conteúdo para compreensão das questões abertas. Uma das conclusões da pesquisa é que persiste um preconceito para quem opta por adotar o cabelo crespo, muitas das vezes ocasionando implicações nas posições que determinadas mulheres ocupam na empresa, sobretudo se for cargo de chefia ou Direção.

PALAVRAS-CHAVE: Carapinha; Crespa; Identidade; Aceitação.

ABSTRACT: The acceptance of natural hair is today a reality in Mozambique. However, during the hair transition process, many challenges have been encountered by women who go through the process. These challenges and questions arise at different levels: family, friends, or even at the workplace. The objective of this research is to analyze the situations experienced by black Mozambican women who have assumed their natural curls, besides reflecting on the implications that this acceptance has caused in the workplace. For this article, documentary analysis and literature review were carried out, based on the theoretical assumptions of Bell Hooks and Kilomba. In methodological terms the data were analyzed using SPSS, in a descriptive perspective, and content review for understanding the open questions. One of the conclusions of the research is that prejudice persists for those who choose to adopt coarse hair, often causing implications in the positions that certain women occupy in the company, especially if it is a management position.

KEY WORDS: Carapinha; Crespa; Identity; Acceptance.

Site/Contato

Editores

Cynthia Nolácio de Almeida Maia
[cynthianolacio@yahoo.com.br](mailto:cinthianolacio@yahoo.com.br)

Rodrigo Castro Rezende
rodriguezcastro@gmail.com

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

MULHER CRESPA EM MOÇAMBIQUE: CONSTRANGIMENTOS E ACEITAÇÃO DA CARAPINHA NO LOCAL DE TRABALHO

KÁTIA XAVIER-ZECA¹

INTRODUÇÃO

A aceitação do cabelo natural é hoje uma realidade em Moçambique. Contudo, no decorrer do processo de transição capilar, muitos desafios têm sido encontrados pelas mulheres que enfrentam esta situação. Estes desafios e questionamentos surgem em diversos níveis: familiar, amigos ou mesmo no local de trabalho. É neste último que será centrada a nossa análise. Este artigo surge com o objetivo de refletir em torno das situações vivenciadas por mulheres negras, e que tenham assumido os cachos naturais e as implicações que essa aceitação causou no ambiente de trabalho. Importa ainda questionar e refletir em torno da relação entre cabelo e transição capilar, e neste sentido foram importantes as leituras de alguns trabalhos que relacionam a questão do cabelo ao Racismo (HOOKS, 1989; KILOMBA, 2019) ou de obras que analisem os processos de transição capilar (SILVA, 2016; OLIVEIRA, 2019).

Desde 2014 tem se verificado uma proliferação de grupos nas redes sociais e salões de cabelereiro em Moçambique que tem se dedicado à comercialização e troca de experiências sobre produtos para cabelos naturais (XAVIER ZECA, 2020). O que nos faz concluir que este é um caminho sem volta e um movimento que veio para ficar. Na pesquisa de Xavier-Zeca (2020), as inquiridas dizem que é no local de trabalho o local em que mais sofreram constrangimentos no processo de transição capilar. Por esta razão, nesta pesquisa as questões foram desenhadas para melhor perceber e analisar como tem sido essa relação no espaço profissional de algumas mulheres.

Em termos metodológicos, o trabalho utilizou a revisão documental em torno das temáticas “cabelo” e “transição capilar”, complementando com a aplicação de um questionário para um grupo de mulheres que trabalha por conta própria, e para aquelas que trabalham no setor público ou privado, entre os dias 01 e 30 de março de 2021. A técnica para seleção dos casos foi através de amostragem por conveniência, no qual resultou em 18 respondentes que deram os seus relatos sobre como é assumir o cabelo natural e ser carapinha em Moçambique no local de trabalho. Os resultados foram tratados de forma qualitativa, com recurso à análise de conteúdo de Bardin (2002), e quantitativa, com recurso ao *SPSS*, que nos permitiu fazer a estatística descritiva dos dados colhidos. O universo da população pesquisada é composto por mulheres

¹ Kátia Sara Henriques Xavier Zeca. Doutora em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do SUL – UFRGS. Professora na Universidade Joaquim Chissano – Moçambique ; kxavierzeca@gmail.com

moçambicanas que trabalham no setor público ou no setor privado em diversas áreas, e que tem o curso superior completo (graduação), e em algumas delas, o mestrado ou Doutorado.

Cabelo Natural e a sua aceitação

De acordo com Hall (2005), discutir sobre identidade diz respeito ao estabelecimento de relações entre o "Eu e a sociedade", e são os eventos que o rodeiam que acabam por moldar as suas ações. Apesar de o indivíduo ter grandes influências do seu Eu real, algumas externalidades vão influenciar o seu comportamento. Assim, a identidade encontra-se em constante construção. Vive-se na atualidade um movimento e questionamento em torno da estética, notadamente sobre o cabelo como uma forma de reivindicação, além dos novos meios de ressignificação e representação do Eu. Como refere Hall (2005):

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, esta se transformando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2005, p. 12).

Neste contexto pode-se ainda reforçar que a questão da identidade é um processo histórico e não biológico (Hall, 2005). Tendo em conta esta perspectiva, pode-se perceber como a construção da nova identidade tem passado pela aceitação e questionamentos em torno do cabelo. Hooks (1989) afirma que a relação que as mulheres negras nos Estados Unidos tinham com o cabelo, e explica os processos de alisamento com pente aquecido como sendo um ritual que muitas destas enfrentaram. Nesse ato estava implícito a tentativa destas buscarem maior semelhança com as mulheres brancas que apresentavam os cabelos lisos e considerados bonitos na sociedade em que viviam. Ter cabelos lisos poderia também ser vantajoso no momento de procura de emprego e acesso a outros benefícios laborais. Discutir sobre cabelo vai além de pensar em um adorno estético, pode ter vários significados e impactar sobre a vida dos sujeitos. Segundo (VIEIRA, 2019):

Cabelo, cabeleira, cabeludo, descabelado... considerado por muitos apenas um instrumento estético, o cabelo vai muito além disso. Uma simples opção por um corte ou penteado diz bastante sobre a personalidade de uma pessoa. Para os negros especialmente, que desde a década de 1950 desfilam com seus black power imponentes, ele transcende o campo da beleza e significa um encontro com

a identidade e, porque não, uma ferramenta de afirmação (VIEIRA, 2019, p. 1).²

Esta afirmação reforça que o movimento e a luta pela afirmação negra, utilizando inclusive o cabelo, não é atual. Já nos anos 1950/1960 a beleza pelo natural foi elevada através do movimento *black power* nos Estados Unidos da América, e o que hoje assistimos é uma continuidade e ressignificação desses ideais. Os anos 60 representam um momento importante para uso do cabelo como instrumento de luta política:

Durante a década de 1960, os negros que trabalharam ativamente para criticar, desafiar e mudar o racismo apontaram para a maneira pela qual a obsessão dos negros por cabelos lisos refletia uma mentalidade colonizada. Foi nessa época que o penteado natural, o "afro", tornou-se moda como sinal de resistência cultural à opressão racista e como celebração da negritude. Os naturais foram equiparados à militância política" (HOOKS, 1989, p. 2).³

A luta pelo uso do cabelo natural/crespo tem sido uma constante por longos anos, uma vez que este esteve, por muito tempo, associado a algo ruim, criando desde cedo uma aversão ao mesmo (SILVA, 2017). Esta negação e preconceito têm acompanhado a infância ou mesmo juventude de muitas mulheres. Oliveira (2016) chama a atenção para vários apelidos pejorativos que normalmente são associados aos cabelos crespos:

Há anos o cabelo crespo é mal visto na nossa sociedade. Muitas vezes é chamado de "cabelo ruim", outras de "cabelo mal cuidado", até mesmo "cabelo sem jeito". Aquele famoso cabelo que precisa ser controlado. Qual a menina de cabelos crespos após se arrumar, e estar pronta para sair de casa, nunca ouviu a seguinte pergunta: "Não vai pentear o cabelo, não? Vai sair com ele bagunçado? Passa uma mão molhada para abaixar". Frases como essas são ditas todos os dias, além dos muitos apelidos que os cabelos crespos possuem (OLIVEIRA, 2016, p. 220).

O valor da mulher é muitas vezes associado à sua aparência. A evolução histórica mostra que várias lutas foram travadas por mulheres pelo direito de poderem vestir aquilo que mais conforto lhes proporcionava (HOOKS, 2000), ou ainda andar com os seus cabelos naturais sem que seguissem o padrão eurocêntrico (VIEIRA, 2019). Esta reivindicação não se resume apenas às questões físicas, mas em como o cabelo é apresentado. Homens e mulheres passam pelo

² VIEIRA, K. **Black Power: Instrumento de resistência e cultura**. 2019. Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/black-power-instrumento-de-resistencia-e-cultura/>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

³ Tradução da autora para: During the 1960s black people who actively worked to critique, challenge, and change white racism pointed to the way in which black people's obsession with straight hair reflected a colonized mentality. It was at this time that the natural hairdo, the "afro," became fashionable as a sign of cultural resistance to racist oppression and as a celebration of blackness. Naturals were equated with political militancy.

preconceito do cabelo crespo/natural, mas são as mulheres que mais tem se evidenciado nesta luta, no qual tem se assistido uma tentativa de mostrarem o quão são belas, mesmo assumindo seus cabelos naturais. Sobre estes, segundo Vieira (2019), há desde o tempo da escravidão, um contexto de imposição para que as mulheres sejam condicionadas a alisarem seus cabelos. As questões do cabelo e do racismo têm sido discutidas simultaneamente. Muitos são os momentos que as pessoas sofrem discriminação por terem o cabelo crespo, e não seguir a linha de cabelo com características enquadradas no padrão e aceitáveis na sociedade (EUGÉNIO JR⁴, 2018; PAULA, 2014⁵).

Em 2015, o Jornal Domingo⁶ publicou um artigo onde abordava o retorno à valorização e visibilidade do cabelo crespo. Uma das suas fundamentações é que se vivia no país uma maior valorização da cultura e da mulher africana, associada à sua estética e os cabelos. Neste sentido, tem se assistido no Mundo, e Moçambique não ficou alheio, a um movimento de mulheres que incentivam o retorno à identidade africana. Em decorrência dos contextos da escravatura e colonização, os africanos foram alvos de mutilação cultural, adotando padrões impostos pelos cânones da civilização ocidental. Os hábitos locais eram catalogados como indígenas e marginais.⁷ O cabelo crespo das mulheres negras alimentou, em grande medida, o preconceito racial, e era visto como desprovido de beleza. Algumas mulheres passaram mesmo pela obrigação de corta-lo. Na tentativa de assimilar a cultura ocidental, iniciaram processos penosos de aquecimento e química para tornar o seu cabelo igual aos fios lisos das mulheres brancas, de modo a equiparar os padrões e se aproximar o máximo possível do que era imposto pelos colonizadores (JORGE, 2015). No seu artigo, Jorge (2015) ressalta como as questões culturais em torno do cabelo crespo estão enraizadas na história da humanidade:

⁴ EUGÉNIO JR., A. **Por que a sua “opinião” sobre cabelos crespos é racismo?** 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/mb5yq8/cabelos-crespos-racismo>. Acesso em: 16 fev. 2021.

⁵ PAULA, B. De. **O que cabelo tem a ver com racismo?** 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-que-cabelo-tem-ver-com-racismo/>>. Acesso em: 17 dez. 2020.

⁶ Jornal publicado aos Domingos em Moçambique. Este tem como data 3 de outubro de 2015.

⁷ A colonização Portuguesa, implementou nas suas colônias em África o Estatuto do Indigenato, que foi instituído em 1926. De acordo com Araujo et al (2010, p. 117), A definição colonial de indígena encontrava-se nos termos do Estatuto do Indigenato, eram indígenas “os indivíduos de raça negra ou seus descendentes que, tendo nascido ou vivendo habitualmente [na Guiné, em Angola ou Moçambique], não [possuísem ainda a ilustração e os hábitos individuais e sociais pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses” (artigo 2.º do Estatuto). Assim, os indígenas deveriam, com efeito, reger-se “pelos usos e costumes próprios das respectivas sociedades”, sendo “a contemporização com os usos e costumes [...] limitada pela moral, pelos ditames da humanidade e pelos interesses superiores do livre exercício da soberania portuguesa” (artigo 3.º e respetivo §1.º). Ainda nos termos do Estatuto, assimilados eram os ex-indígenas que haviam adquirido a cidadania portuguesa, após provarem satisfazer cumulativamente os seguintes requisitos: a) ter mais de 18 anos; b) falar corretamente a língua portuguesa; c) exercer profissão, arte ou ofício de que aufera rendimento necessário para o sustento próprio e das pessoas de família a seu cargo, ou possuir bens suí cientes para o mesmo fim; d) ter bom comportamento e ter adquirido a ilustração e os hábitos pressupostos para a integral aplicação do direito público e priva- do dos cidadãos portugueses; e) não ter sido notado como refratário ao serviço militar nem dado como desertor (artigo 56.º).”

As imposições culturais esboçaram espécie de revolução mundo fora. É impossível falar da história do cabelo crespo sem fazer referência à obra intitulada *400 Years Without a Comb* (400 anos sem um pente, em português), obra de Willie L. Morrow. O livro ressalta a humilhação de escravos africanos na América devido ao cabelo crespo. A obra mostra como o negro viveu na sociedade americana, abordando, por exemplo, a invenção do pente, mencionando a descoberta de processos químicos de preparação de cremes desfrisantes para tornar o cabelo da mulher negra mais liso. Estes produtos tiveram muita repercussão de tal forma que até hoje a América se tem destacado na sua produção (JORGE, 2015, p.1).

Em Moçambique a sociedade ainda não encara o cabelo natural como sendo algo bonito. Ainda existe preconceito, e ter o cabelo crespo e as *dread locks* são ainda conotados com marginalidade. Outras vezes são vistas como rebeldes ou fora do sistema (JORGE, 2015). Apesar das várias resistências e preconceitos em torno do cabelo crespo ou natural, esta tendência tem vindo a ganhar cada vez mais seguidores que tem redescoberto formas de autoafirmação e de identidade. Se no local de trabalho são vistas como rebeldes ou despenteadas, as mulheres não se retraem e continuam a sua luta na conquista dos seus espaços. É importante realçar que uma das formas encontradas pela mulher negra moçambicana, como forma de ocultar o cabelo natural/crespo, foi optar por outros adornos estéticos para além do alisamento, como aplicação das mechas.⁸ As mulheres em Moçambique, em grande número, usam algum tipo de adorno na cabeça (CRUZ, 2012). O que o movimento das crespas ou carapinhas traz, neste sentido, é um número cada vez maior de mulheres que vão se libertando dos adornos e alisamentos capilares.

O Processo de Transição Capilar

De acordo com Ferrari e Assis (2017, p. 74) "a Transição Capilar é abordada enquanto um fenómeno social caracterizado pelo abandono dos tratamentos químicos que modificam as características naturais dos cabelos por grupos de indivíduos". Importa referir que este fenómeno social não é novo, e com a evolução do capitalismo, outras formas de fazer face ao "politicamente correto" em termos de aparência capilar têm sido colocados no mercado. A transição capilar é uma fase de mudanças. Embora tudo comece com o desejo de assumir os cabelos naturais, a transição é capaz de mudar mais do que isso.⁹ A transição é um momento de conquista e aceitação do seu Eu, na condição de mulheres crespas que assumem os seus cabelos com as suas perfeições e imperfeições, além de criar formas e mecanismos de cuidar dos mesmos sem que seja algo ruim e depreciável.

⁸ Cabelo sintético que permite que sejam feitos vários tipos de penteados.

⁹ Disponível em: https://www.todecacho.com.br/blog_section/transicao-capilar/. Acesso em 10 dez de 2019.

A maior parte das mulheres que trilhou o processo de transição capilar em algum momento da sua vida passou por alguns questionamentos que eram feitos ao seu cabelo, apelidando de duro, ruim, feio e outros nomes depreciativos e que contribuíram para uma menor aceitação do cabelo natural. Criando desde cedo uma necessidade de querer mudar o seu cabelo para algo que fosse socialmente belo e aceitável, no caso o cabelo liso com características condizentes com um padrão autorizado como belo (FERRARI; ASSIS, 2017). Moçambique é um país que esteve sob domínio colonial português até 1975, o que em certa medida explica a existência de resquícios desta dominação em relação à aceitação do cabelo natural ou crespo. Apesar de o país ser composto na sua maioria por pessoas com equipamentos biológicos em que o cabelo crespo é algo natural, muitas são as mulheres que desde a sua infância não têm tido um relacionamento saudável com sua estética capilar. Desta forma, estas mulheres optam por diversas formas de alisamento ou outras que lhe permitam alguma semelhança com as mulheres de ascendência portuguesa.

Assis e Ferrari (2017) referem que mesmo o Brasil, tido como um mosaico cultural, e com parte da população de descendência negra, persiste forte preconceito, fazendo com que muitas mulheres se submetam à alisamentos e diversas outras técnicas de estética, a fim de se afastar cada vez mais de suas raízes etnicorraciais. No Brasil a transição capilar começou a ser bastante difundida na rede social Facebook, em 2010, além dos produtos para cabelo natural que começaram a ser muito divulgados. Além disso, o uso do turbante passou a ser um grande aliado no processo de transição capilar. Este acessório, o turbante, passou a ser visto como um adorno que restituiu a autoconfiança de mulheres negras durante esse processo (LIMA, 2017). Vários termos têm sido utilizados para descrever o cabelo sem química, sendo os mais comuns “cabelo natural”, “cabelo crespo”, “cabelo cacheado”, “cabelo afro” (MATOS, 2016 a) ou cabelo carapinha.¹⁰ Neste contexto, cada tipo de cabelo tem a sua especificação, e que vai desde a não utilização de produtos químicos (cabelo natural) ou ainda o fato de serem termos relacionados à aparência do cabelo (cabelo crespo e cabelo cacheado) (quadro 1). No fim, o que importa é que crespo, ondulado ou afro, todos estes tipos englobam aquilo que designamos de cabelo natural, livre de produtos químicos e qualquer transformação, independente do aspecto que o cabelo ganhe após o processo de transição capilar.

Quadro 1- Tipos de cabelo

Tipos de cabelos	Descrição
Cabelo Natural	Este tipo de cabelo refere-se a um suposto estado de natureza, por ser o cabelo que nas-

¹⁰ termo muito usado no contexto moçambicano para designar o cabelo de difícil trato e normalmente natural (sem químicos).

	ce sem utilização de química para a transformação da estrutura do fio. Porém, esse cabelo é cuidado com vários tipos de cremes e produtos, industrializados ou não, como forma de texturiza-lo, o que de alguma forma modifica a sua aparência, mesmo que os efeitos obtidos não durem tanto tempo como no caso do uso das químicas de transformação.
Cabelo Crespo e Cabelo cacheado	Estes termos estão relacionados à aparência do cabelo, ondulado, espiralado ou encrespado. Esses termos também denotam uma disputa, onde os cabelos crespos seriam os mais próximos dos africanos. Então, quem o possui teria maior legitimidade ao se assumir como negro, já que as possuidoras do cabelo cacheado não seriam alvo de tanto preconceito por conta desse formato se encontrar mais próximo do cabelo considerado como “bom”.
Cabelo Afro	Este termo, “cabelo afro”, engloba maior quantidade de tipos de cabelos que as pessoas dotadas de herança negra em sua carga genética podem possuir.

Fonte: adaptado pela autora com base em (MATOS, 2016 a, p. 846)

Para efeitos desta pesquisa, irei fazer menção ao cabelo natural ou crespo como aquele livre de química e qualquer outra transformação que recorra ao alisamento ou transformação por meio de outros produtos. Em algum momento farei também uso do termo carapinha que é uma forma usual de designar o cabelo natural de mulheres negras em Moçambique. No Brasil o cabelo natural das negras é também o crespo associado aos cachos que estes produzem quando crescem de forma natural, típico de uma sociedade marcada pela miscigenação.

Implicações da aceitação do cabelo natural no ambiente de trabalho em Moçambique

Foi entregue um questionário *online* para dezenove mulheres crespas, das quais apenas um foi considerado inválido. As questões foram respondidas no período compreendido entre os dias um a trinta de março de 2021, sob recurso da plataforma google form. A idade das mulheres está compreendida entre os vinte e um aos quarenta e quatro anos de idade, sendo que 94% das entrevistadas possui formação superior entre mestrado e graduação, e 6% concluíram o ensino médio. Em termos de vínculo institucional, 33% trabalham em instituições públicas, 56% em empresas privadas e 11% são autônomas. Quando questionadas sobre a idade que possuíam, quando tinham iniciado o processo de transição capilar, as respostas foram diversas. Apesar de a maior parte ter passado por um processo de transição, cerca de 17% não vivenciou nenhum

processo de mudança, fazendo opção pelo uso de cabelos crespos livre de produtos químicos. Por outro lado, 33% iniciou o processo há mais de 5 anos, e 11% tem processo recente, no caso de um ou dois anos (tabela 1).

Tabela 1- Período em que iniciou o processo de transição capilar

	Respostas das entrevistas	Porcentagem válida
1 a 2 anos	2	11
3 a 4 anos	6	33
mais de 5 anos	6	33
Não passei por processo de transição capilar. Sempre usei o meu cabelo natural	3	17
Outra	1	6
Total	18	100

Fonte: elaborado pela autora

Ao questionar se teriam passado por algum constrangimento no local de trabalho, em decorrência do uso de cabelo crespo, a maior parte das inquiridas, 69%, respondeu não ter enfrentado nenhum episódio constrangedor, e 39% confirmou ter vivido alguma situação difícil (tabela 2).

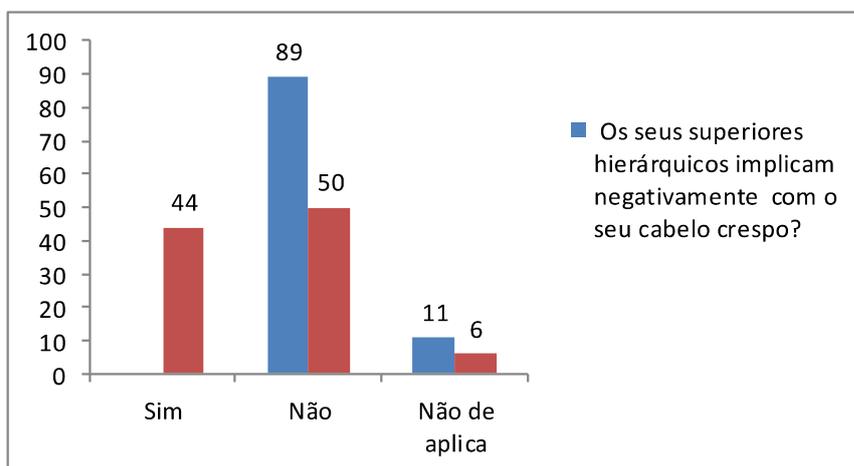
Tabela 2- Constrangimentos passados no local de trabalho por ter o cabelo crespo

	Respostas das entrevistas	Porcentagem válida
Sim	7	39
Não	11	61
Total	18	100

Fonte: elaborado pela autora

Neste Bloco foram colocadas diversas questões em torno da aceitação que as inquiridas possuem em seu local de trabalho. Desta forma, procuramos saber como tem sido a aceitação do seu cabelo natural no local de trabalho, e verifica-se que 89% respondeu que seus superiores hierárquicos não tem criado problemas com o cabelo crespo das entrevistadas. Apesar destas respostas, sugerindo não haver oposição dos seus chefes, estas mulheres sentem-se sempre observadas quando entram em alguma repartição, 44% (gráfico 1).

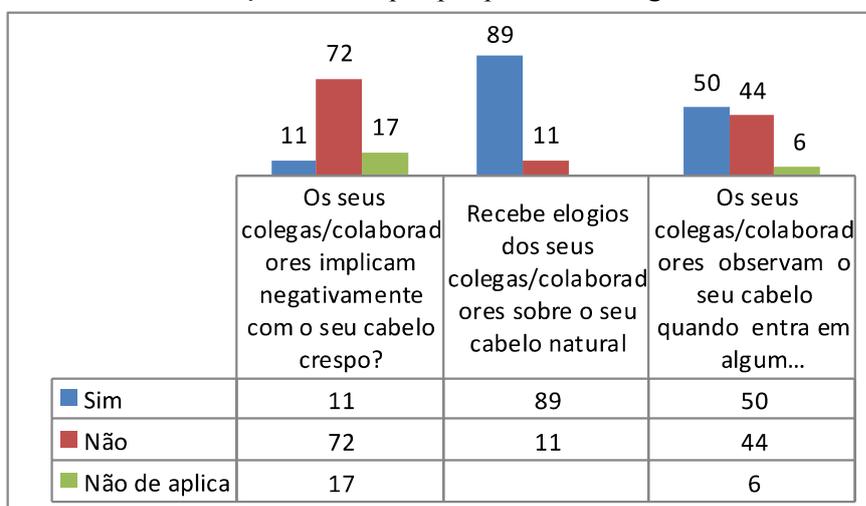
Gráfico 1- Aceitação do cabelo Natural no local de trabalho



Fonte: elaborado pela autora

Para 89% das entrevistadas, tanto colegas como colaboradores tendem a tecer elogios aos seus cabelos crespos, ou mesmo observar quando estas entram em alguma repartição. Apesar desta grande maioria, 44% declarou não se importar com a sua aparência. Importa ainda realçar que apesar de um grande número de colegas ou colaboradores, 72%, ter sido apontado como pessoas que não criam problemas com os cabelos crespos das colegas, 11% foram apontados como pessoas que veem de forma negativa os cabelos crespos (gráfico 2).

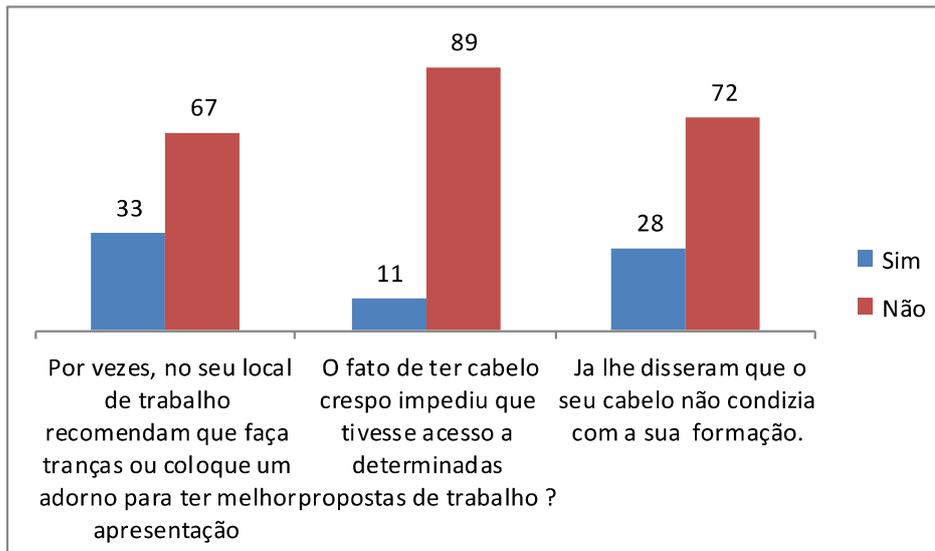
Gráfico 2- Aceitação dos crespos por parte dos colegas/colaboradores



Fonte: elaborado pela autora

Por fim, é importante realçar que apesar de os dados nos mostrarem razoável aceitação dos cabelos crespos, em alguns momentos, cerca de 33% das entrevistadas referiu já ter recebido recomendação para que colocasse algum adorno (tranças ou outro). Outras, mesmo que em menor percentagem, 11%, foram impedidas de ter acesso a determinadas propostas de trabalho devido a aparência do seu cabelo. Cerca de 28% declarou que já lhes foi dito que o cabelo não condizia com a formação (gráfico 3).

Gráfico 3- Cabelos crespos e aceitação no espaço laboral



Fonte: elaborado pela autora

Quando questionadas sobre os tipos de constrangimentos que teriam passado no local de trabalho, em decorrência do uso de cabelo crespo, estas mulheres referiram diversas situações que passaram:

No anterior emprego (Instituição Pública) não podia usar o cabelo do jeito que é, crespo.
 Ter de andar de lenço.
 Pedirem para fazer alguma coisa melhor na cabeça porque teríamos reunião com colaboradores.
 Chamaram-me despenteada. Já questionaram se não queria alisar o cabelo
 Uma colega comparou o meu cabelo a um capim seco ...
 Perdeu o pente?
 Questionaram-me sobre qual tipo de penteado era o meu, quando simplesmente estava com o meu cabelo solto.
 Penteado afro não adequado para uma reunião com parceiros
 Perguntaram porque não penteio o cabelo. Disseram que na minha posição não deveria apresentar me com cabelo crespo, não ficava bem.¹¹

Desta forma, as observações apresentadas pelas entrevistadas permitiram-nos concluir que essas inquietações podem ser agrupadas em quatro posicionamentos essenciais, a saber, mulheres que não passaram por nenhum constrangimento; mulheres que se viram obrigadas a colocar adornos para serem aceitas; mulheres que tiveram de ouvir nomes pejorativos associados ao seu cabelo crespo, ou ainda associar este com a posição ocupada na empresa (quadro 2).

¹¹ Estes trechos refere-se as falas de algumas inqueridas em torno de diversas situações que passaram no local de trabalho pelo facto de terem cabelos crespos.

Quadro 2- categorias para os constrangimentos passados pelas crespas no local do trabalho

1. Nunca passei por nenhum constrangimento
2. Colocação de adorno (lenço, tranças ou alisamento)
3. Nomes Pejorativos para descrever o cabelo natural ou questionamentos em torno do cabelo crespo
4. Posição ou cargo inadequado para o uso de cabelo crespo

Fonte: elaborado pela autora

Em relação aos desafios existentes em Moçambique, quando da análise em torno da aceitação do cabelo natural em espaços públicos (local de trabalho), as respostas foram unânimes em sugerir à necessidade de uma maior aceitabilidade e tolerância para as opções pessoais que cada uma faz ao uso que quer dar ao cabelo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão do cabelo crespo tem sido, ao longo dos últimos anos, motivo para um debate que voltou à tona tanto no Brasil como em Moçambique. Neste último país o movimento começou a ganhar força a partir de 2015. Tendo em conta ao próprio conceito de identidade que nos remete a uma relação entre o Eu e a Sociedade, os eventos decorrentes desta relação estão interligados entre si. A forma como a sociedade enxerga o indivíduo acaba também por moldar o ser humano na sua relação com o seu cabelo natural, no sentido de se encaixar e ser aceito nesse espaço.

O objetivo desta pesquisa foi analisar as situações vivenciadas por mulheres negras que tenham assumido os cachos naturais, assim como as implicações que essa aceitação causou no ambiente de trabalho. Apesar de ter se verificado que um grande número de mulheres não sofreu constrangimentos no local de trabalho no processo de transição, é importante referir que ainda existe um número considerável destas que sofrem por assumir os cabelos naturais/crespos. Apesar de estas não sofrerem implicações por parte dos seus superiores hierárquicos, existe a tendência de serem constantemente observadas sempre que entram em algum espaço (refeitório, sala de reuniões entre outros). Nem tudo é negatividade neste processo de aceitação do cabelo crespo, posto que existem os colegas ou colaboradores que tecem comentários positivos e não se incomodam pela aparência assumida pelas colegas, apesar de haver um pequeno número que se opõe à carapinha das colegas.

Persiste um certo preconceito para quem opta por adotar o cabelo crespo, e para muitas lhes é dito não ficar bem, tendo em conta a posição que ocupam na empresa, sobretudo se for cargo de chefia ou direção. Nestes casos são até aconselhadas a optar por alisamento ou algum

adorno que esconda o seu cabelo crespo. Em alguns momentos o cabelo crespo acaba por ser um impedimento para aceder lugares de topo da sua instituição. Pode-se ainda concluir que existe uma necessidade de se refletir em torno da aceitação e a liberdade de as mulheres poderem assumir a sua carapinha sem serem discriminadas ou sofrerem em relação aos desafios existentes em Moçambique quando se fala de aceitação do cabelo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. **Seguindo as tramas da beleza em Maputo**. 2012. 178 f. - Universidade de Brasília, Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social) Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

FERRARI, Érica.; ASSIS, Juliana. A Dimensão informacional da transição capilar: identidade e empodarameno nas mídias sociais. **Revista Brasileira de Educação em Ciências da Informação**, v. 4, n. 1, p. 74–95, 2017.

HOOKS, Bell. Straightening our hair. In: HOOKS, Bell. **Talking Back: Thinking Feminist, Thiking Black**. New York: South end Press, 1989.208p.

HOOKS, BELL. **Feminism is for everybody: passionate politics**. Canada: South end Press, 2000.

LIMA, Dulcei da Conceição. Tá na cabeça, tá na web. Significados simbólicos e historicidade do uso do turbante no Brasil. **dobras**, v. 10, n. 22, p. 22–41, 2017.

MATOS, Lidia. transição capilar como movimento estético e político. In: ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS 2016a, Sergipe. **Anais...** Sergipe Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12871/2/TransicaoCapilarMovimento.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2020.

MATOS, Lidia. de O. Não é só cabelo, é também identidade: transição capilar, luta política e construções de sentido em torno do cabelo afro. In: 30 REUNIAO BRASILEIRA DE ATROPOLOGIA 2016b, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa Disponível em: <<http://docplayer.com.br/48425309-Nao-e-so-cabelo-e-tambem-identidade-transicao-capilar-luta-politica-e-construcoes-de-sentido-em-torno-do-cabelo-afro-1.html>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

OLIVEIRA, Daniela Cristina do Nascimento. Meu cabelo não é só estética, é também política: os movimentos sociais e as narrativas visuais. **Revista da ABPN**, v. 8, n. 20, p. 217–230, 2016.

SILVA, Amanda Raquel da. Estética como ação política: fazendo cabeças e soltando cabelos. **Equatorial**, v. 4, n. 6, p. 83–110, 2017.

XAVIER ZECA, Kátia Sara Henriques Relatos de transição capilar sob o olhar de uma crespa. **Dobras**, v. 30, p. 141–156, 2020.

JORNAIS

JORGE, L. O Retorno a beleza do Crespo. **Jornal Domingo**, Maputo, 2015. Disponível em: <<https://www.jornaldomingo.co.mz/index.php/sociedade/7521-o-retorno-a-beleza-do-crespo>>. Acesso em: 2 de mai. 2021.

Recebido em: 23/04/2021

Aprovado em: 30/06/2021